

DO ATO AO DEPOSITÁRIO

DOIS MOMENTOS DA OBRA DE **MATHEUS ROCHA PITTA**
QUE VÃO DO OBJETO À PERFORMANCE

por GERMANO DUSHÁ



Na porta da entrada da galeria no bairro do Jardins somava-se ao habitual entre e sai de pessoas um dado incomum: muitos chegavam segurando uma pedra. Uma vez dentro do campo expositivo, era possível trocá-la por um pequeno cubo de cimento – marcado em uma de

suas superfícies com o nome do artista e o título da obra. Expostos em série no chão sobre folhas de jornal do dia anterior, os cubos eram retirados na medida em que as pedras encontradas na rua os substituíam em seus lugares de origem. Tratava-se do curso de uma operação proposta por Matheus Rocha Pitta. O trabalho, intitulado *Primeira pedra*, faz menção clara à parábola bíblica e a suas interpretações, mas pode igualmente ser tomado pela precisão semântica que prontamente encerra.

À provocação do artista, o público ganhava as ruas em busca dessa matéria imediata, que pode nos aparecer a qualquer momento ao se descolar da calçada, do asfalto ou como resíduo de alguma construção. Uma vez em posse do objeto – que independentemente de sua forma ou origem representa simbolicamente a unidade fundamental da cidade –, firma-se nova relação do sujeito com o tecido urbano que o cerca. Da mesma maneira, surge uma situação de empoderamento: ter uma pedra na mão significa invariavelmente estar armado. É essa tensão confinada na potencial violência que interessa ao artista; um instante de suspensão, em que se pode ou não disparar. Na fenda que se abre a partir daí, ilumina-se simbolicamente a possibilidade de um povo munido, que coletivamente pode exercer uma violência tão pura quanto instantânea, capaz de se colocar em oposição aos esforços de pacificação da ordem atual.

Em um segundo período, instaura-se no centro de um estabelecimento comercial um mercado paralelo baseado em recursos. Ao trocar o que é mais prosaico e ignorado ao nosso redor por uma escultura feita apenas para encher uma mão, devolve-se ao interlocutor o fetiche com uma espécie de obra de arte mínima, em contraprestação por sua disposição de obter, carregar e entregar um pedaço de São Paulo. Forma-se, então, um possível armamento feito dos restos da cidade que, trazidos para dentro do abrigo de uma institui-

ção de arte, passam a mobilizar também outros significados. Nesse sentido, compõe-se um arquivo de vestígios que se referem a determinado lugar em um outro espaço. É possível pensar na ideia de uma metáfora da paisagem da região, como no conceito de *non-site* do artista norte-americano Robert Smithson.

Neste mês, Rocha Pitta dá seguimento às experimentações que afiliam suas esculturas e instalações aos mecanismos da performance com *Fonte para o manifestante desconhecido*. O trabalho consiste em posicionar em praça pública uma laje marcada com recortes de jornais de um manifestante cuja identidade é velada por um jato de água de alta pressão atirado pela polícia. Ao público, convida-se trazer garrafas d'água para serem deitadas e abertas em frente ao lugar, de maneira que o líquido escorra até o limite do possível e resguarde no recipiente o volume morto. A edificação desse novo monumento esquadrinha o imaginário que dá vida às diligências que o inspiraram, como o oratório da Defunta Corrêa na Argentina e as versões do *Túmulo do soldado desconhecido* espalhadas pelo mundo – memoriais que recebem visitas e doações de garrafas com água e coroa de flores, respectivamente.

Ao justapor o uso do mesmo elemento em dois gestos opostos, um de brutalidade coercitiva e o outro de singela generosidade, o procedimento evoca um discurso em igual medida consternado e espirituoso. Naturalmente, ganha força e aponta para outras leituras no contexto do iminente colapso dos recursos hídricos. Em um cenário em que falta água até para as necessidades básicas, a arte pede que molhemos o solo.

Em ambas as ações o artista dilata os limites de sua obra desenvolvendo-a na fronteira entre diferentes meios e expressões.

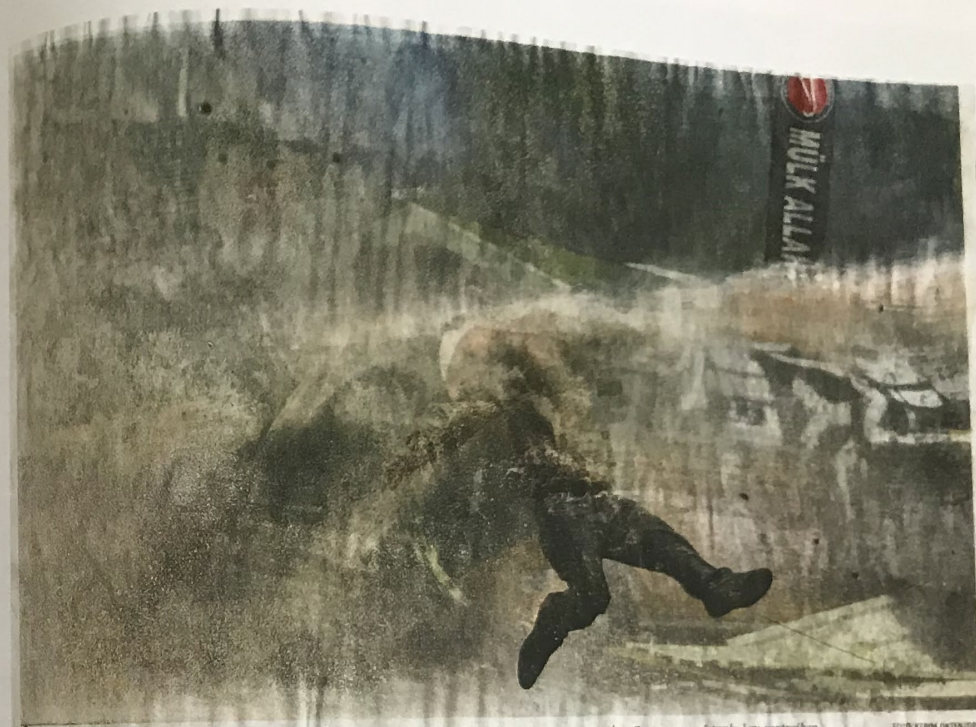
objetos que por sua própria natureza indicam permanência e perenidade, mas os instrumentaliza para que sirvam de ignição a uma atividade específica, inclinando-os no campo do efêmero e, sobretudo, do imprevisível. O dado performativo, encontrado aqui em profunda simplicidade, faz lembrar a noção de participação e experiência com *objetos relacionais*, tão cara ao movimento neoconcreto.

No tramado desses enredos, nos deparamos com um depósito pronto para receber uma matéria trivial e envolvê-la em novos sentidos. Do ato da busca até a entrega, do recebimento ao armazenamento, essas experiências lidam com as trocas possíveis no espaço em que se vive junto; e, conseqüentemente, examinam a gramática dos vínculos que constituem a esfera comum. □



EM AMBAS as ações

o artista dilata os limites de sua obra desenvolvendo-a na fronteira entre diferentes meios e expressões



Mit voller Wucht: Die türkische Polizei setzt auch Wasserwerfer ein, um die Demonstranten aus dem Zentrum von Istanbul zu vertreiben.

Foto: KURIM OKTENOPA

